



TERRITÓRIOS INVISÍVEIS: MAPEAMENTO DE TERREIROS DE UMBANDA EM MONTES CLAROS-MG

Ricardo Henrique Palhares ¹
Luara Martins de Oliva Santos ²

RESUMO

A intenção desse artigo é verificar a distribuição espacial dos terreiros de Umbanda da cidade de Montes Claros-MG, bem como discutir a perseguição e estigmas sofridos por essas expressões culturais. A partir de um levantamento bibliográfico, foi possível apreender a inserção da Umbanda no Brasil e na área de estudo em comento e foram esclarecidos alguns conceitos, como o de epistemicídio, que é fundamental para a compreensão do ataque sofrido pelas religiões afro-brasileiras e a consequente invisibilidade dessas nas paisagens urbanas. A intolerância e racismo direcionados a essas religiões e seus adeptos advêm normalmente de setores hegemônicos da sociedade brasileira representados, por exemplo, pelas religiões de base cristã, religiões hegemônicas que demonizam as religiões negras e alimentam a marginalização dessas. Nesse sentido, faz-se necessária a realização de mais estudos relacionados à espacialização das religiões de matriz africana, suas características e origens para que a população possa conhecê-las, para que seja desconstruído o mito em torno delas, sejam reconhecidas como manifestação cultural e, assim como outras religiões, possam deixar suas marcas na paisagem.

Palavras-chave: Umbanda, Paisagem urbana, Invisibilidade, Mapeamento.

RESUMEN

La intención de este artículo es verificar la distribución espacial de los terreiros de Umbanda en la ciudad de Montes Claros-MG, así como discutir la persecución y estigmas que sufren estas expresiones culturales. A partir de un relevamiento bibliográfico, fue posible aprehender la inserción de la Umbanda en Brasil y en el área de estudio en discusión, y se aclararon algunos conceptos, como el epistemicidio, que es fundamental para comprender el ataque sufrido por las religiones afrobrasileñas, y la consiguiente invisibilidad de estos en los paisajes urbanos. La intolerancia y el racismo hacia estas religiones y sus adherentes normalmente provienen de sectores hegemónicos de la sociedad brasileña representados, por ejemplo, por religiones de base cristiana, religiones hegemónicas que demonizan a las religiones negras y alimentan su marginación. En este sentido, es necesario realizar más estudios relacionados con la espacialización de las religiones de base africana, sus características y orígenes para que la población pueda conocerlas, para que el mito que las rodea sea desconstruido, reconocido como un, como otras religiones, pueden dejar su huella en el paisaje.

Palabras clave: Umbanda, Paisaje urbano, Invisibilidad, Cartografía.

¹ Doutor em Tratamento da Informação Espacial pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC Minas, ricardo.palhares@unimontes.br;

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual de Montes Claros - Unimontes, luaramartinsoliva@gmail.com;

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES).



INTRODUÇÃO

A história do Brasil é marcada por desigualdades e pela subalternização de determinados grupos étnico-raciais e suas culturas. Entendendo que a sociedade brasileira se originou da miscigenação entre europeus vindos de Portugal, índios e africanos, a combinação de diferentes culturas ocasionou a diversidade cultural e religiosa aqui existentes.

Os processos históricos de chegada, existência e permanência das religiões em território brasileiro, determinam até os dias atuais os espaços pertencentes a diferentes grupos religiosos na sociedade. Nesse sentido, há grupos religiosos hegemônicos e grupos marginalizados, como é o caso das religiões de origem africana, realidade que se reproduz e é perceptível quando se observa as espacialidades urbanas. (BONIFÁCIO, 2017).

De acordo com Negrão (1996 apud POMBO, 2015), a partir da década de 1930 o Estado deu início a um intenso processo de perseguição aos cultos afro-brasileiros por julgarem que estes prejudicavam a ordem e os bons costumes da sociedade brasileira e esse preconceito e estigma ainda persistem na atualidade.

Ao passo que cada religião tem a sua forma de apropriação e interação com o espaço, as representações nas paisagens, seus símbolos e seus locais de culto estão intimamente ligados à sua trajetória na sociedade. Assim, religiões de matriz africana, como o candomblé e a umbanda, estão discretamente inseridas na paisagem urbana, enquanto as religiões dominantes, de base cristã, apresentam grande visibilidade no urbano com suas igrejas e templos.

Nessa perspectiva, o trabalho em comento tem por intuito discutir o surgimento da Umbanda em Montes Claros-MG e mapear terreiros dessa matriz religiosa no município, abordando a inserção desses nas paisagens urbanas.

METODOLOGIA

O tipo de pesquisa aplicado a este estudo é bibliográfico e, dentre os procedimentos metodológicos utilizados, destacam-se as etapas de revisão bibliográfica, levantamento dos endereços de terreiros de Umbanda em Montes Claros, a construção de mapas para a localização do município no estado de Minas Gerais e espacialização dos terreiros identificados.



A pesquisa bibliográfica, conforme aponta Gil (2008), é uma exploração realizada a partir de material já elaborado, formado essencialmente por livros e artigos científicos e faz uso, fundamentalmente, das contribuições de diversos autores acerca de um determinado assunto. Nesse tipo de pesquisa a primeira etapa do processo de desenvolvimento consiste na formulação de um problema a ser analisado e que esteja ligado a um assunto de interesse do pesquisador, a um tema que seja relevante para quem irá realizar a investigação. Na segunda etapa é elaborada a ordenação de seções correspondentes ao desenvolvimento que se pretende dar à pesquisa, de acordo com o objetivo que se quer alcançar. O próximo passo consiste em identificar as fontes necessárias para embasar o trabalho, buscando-as em bibliotecas, em sites na internet como portais de periódicos e acervos digitais de universidades.

Com o material em mãos, passa-se à fase de leitura procurando identificar as informações importantes e relacioná-las ao problema elencado. A princípio, uma leitura exploratória de todo o material para verificar o que pode ser utilizado, seguida pela leitura seletiva para averiguar o que será significativo para se aplicar à pesquisa. Na leitura analítica é feita a delimitação das ideias centrais do texto, a ordenação e síntese dessas informações e por fim realiza-se a leitura interpretativa na qual busca-se associar o conteúdo das fontes consultadas a outros conhecimentos. Deve-se ressaltar que o conteúdo selecionado a partir das leituras feitas deve ser anotado e organizado, preferencialmente, em fichas visando facilitar a construção das seções que vão compor a pesquisa. A última fase consiste na redação do texto, etapa na qual se expressa o raciocínio desenvolvido no trabalho (GIL, 2008).

Para a elaboração dos mapas foram utilizadas ferramentas do Sistema de Informação Geográfica (SIG) trabalhadas na plataforma ArcMap do software ArcGis 10.2, licenciado para o Laboratório de Geoprocessamento da Universidade Estadual de Montes Claros/UNIMONTES e o software livre QGIS 3.20.3. Nesse processo foi demarcada a localização de Montes Claros no Norte de Minas Gerais e realizada a marcação de pontos referentes aos terreiros de Umbanda cujos endereços foram encontrados.

REFERENCIAL TEÓRICO

PANORAMA SOBRE A FORMAÇÃO RELIGIOSA DO BRASIL E A RELIGIOSIDADE NO ESTADO DE MINAS GERAIS

A religião é um traço marcante da cultura de um povo e, nesse sentido, apresenta peculiaridades em cada sociedade por se referir a diferentes crenças e possuírem diversas



formas para representar o fenômeno religioso. Assim, na busca por compreender a pluralidade religiosa no Brasil é necessário refletir sobre as origens do próprio povo brasileiro, as primeiras populações que habitaram as terras brasileiras e aqui desenvolveram a sua cultura.

A diversidade cultural e religiosa no Brasil tem suas raízes na miscigenação entre os povos europeu, indígena e africano, uma conjugação de crenças e costumes responsável pelo surgimento de outras religiões, como a umbanda e o candomblé que são de origem africana. Deve-se ressaltar que essa mescla de raças deu-se a princípio entre os brancos e os índios e depois com os negros trazidos da África para o trabalho escravo.

Santos (2002) aponta que o Brasil é um país que já nasceu religioso e, principalmente, influenciado pelo catolicismo, uma vez que a Igreja Católica teve forte atuação no poder exercido pela monarquia portuguesa. Na época da colonização foi a Companhia de Jesus, uma ordem religiosa da Igreja Católica formada por padres jesuítas, que trouxe o catolicismo para o Brasil. Esses religiosos tinham como principal tarefa a catequização dos indígenas e, devido a essa função, fixaram-se em povoados no intuito de dissiparem a fé cristã.

Por mais de dois séculos, aproximadamente 210 anos (1549/1759), a cultura no Brasil foi dominada pelos preceitos do catolicismo, a imposição de uma cultura estrangeira sobre uma cultura ainda em construção, o que fez com que a Igreja Católica estruturasse suas bases no território colonial contribuindo decisivamente com a fé em Minas Gerais no século XVIII. Uma religiosidade marcada pelo culto a diversos santos católicos e até santos da devoção portuguesa passaram a ser integrados na formação da identidade religiosa do Brasil, como São Gonçalo do Amarante, considerado um santo pardo (SOUZA, 2019).

Portugueses, indígenas e negros residiram no Brasil no período colonial e dessa mistura de culturas que advém a pluralidade religiosa no país, não foi só o catolicismo que esteve presente no território brasileiro nesse período. Do sincretismo entre a crença politeísta dos povos africanos e a crença nos santos católicos surgiu o candomblé. De acordo com Santos (2002) o judaísmo também estava presente no início da formação religiosa do Brasil. Com a Inquisição introduzida em Portugal em meados de 1531, os judeus que viviam lá migraram para outros continentes, como por exemplo a América, chegando às terras brasileiras.

Em 1860 chegou ao Brasil o espiritismo que foi sistematizado por Allan Kardec na França em 1857. Um grupo de franceses veio para o Brasil e difundiu a doutrina espírita a partir das cidades de Salvador e Rio de Janeiro. No século XIX, o protestantismo tradicional representado, dentre outros, por luteranos, metodistas e presbiterianos teve sua inserção no Brasil. Na primeira década do século XX o pentecostalismo norte-americano chegou no



território brasileiro e, nos anos 1910 e 1911, organizou-se enquanto Congregação Cristã no Brasil e Assembleia de Deus. Por volta de 1920 surgiu a umbanda como consequência do sincretismo do candomblé com o kardecismo.

Em Minas Gerais, a religiosidade pode ser identificada desde o seu processo de ocupação territorial, que se deu principalmente em função do desenvolvimento do comércio e da mineração no século XVII e, assim como ocorreu na formação religiosa do Brasil, o catolicismo teve forte influência na religião do povo mineiro (NIERO, 2014).

No início da exploração aurífera em Minas Gerais, os mineiros não possuíam residência fixa, viviam de forma itinerante à procura de ouro nas margens e leitos de córregos e levavam consigo seus santos protetores o que evidencia a presença da religião em Minas desde a sua fundação (SOUZA, 2019).

Em cidades mineiras formadas no período colonial a religião pode ser facilmente identificada na paisagem a partir das igrejas e de esculturas representando os santos da religião católica. As igrejas com a sua monumentalidade e com seus adornos em ouro representam bem a hegemonia e o poder que a Igreja Católica tinha naquele período.

A influência da Igreja Católica em Minas Gerais se deu principalmente no século XVIII com a sua expressiva atuação no campo das artes inaugurando o barroco mineiro. A religiosidade em Minas Gerais apresentava um caráter mais popular, mais próxima da realidade do fiel, um catolicismo que se aproximou das diferentes classes sociais que constituíam a capitania mineira e fez surgir a cultura do barroco das Gerais, uma importante marca da religião mineira. Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho, foi um ícone importante para o barroco das Gerais, tendo construído esculturas responsáveis pela ornamentação de igrejas nessa região. Na sociedade mineira as tradições eram definidas pelas Ordens Terceiras, Irmandades e Confrarias que eram associações religiosas leigas e a religiosidade, que se apresenta então a partir do espaço das irmandades nas Minas, esteve fortemente marcada por elementos barrocos que se caracterizaram pelas exterioridades do culto e pelo gosto por celebrações pomposas (SOUZA, 2019).

Até meados do século XX a pluralidade religiosa em Minas Gerais, em comparação com outros estados brasileiros, era pouco identificada. Havia uma predominância da religião católica e o sincretismo, seja o afrocatólico ou católico-indígena, não se desenvolveu em Minas no mesmo nível que na Bahia, por exemplo. Esse caráter tradicionalista do mineiro está relacionado às raízes norte-portuguesas, uma área onde se desenvolveu um catolicismo que rejeitava qualquer diversidade religiosa e no contexto dos séculos XVIII e XIX isso contribuiu para que as manifestações religiosas africanas tivessem menor expressão que em outras



regiões do Brasil. Em Minas Gerais, as cidades nesse período se apresentavam essencialmente como polos de disciplinarização cultural e social, tendiam a produzir o exclusivismo religioso e o enquadramento nos termos da religião oficial (católica), o que era oposto ao pluralismo. Longe das autoridades civis e eclesiásticas, em sítios, fazendas e arraiais é que diferentes visões de mundo podiam conviver de forma mais harmoniosa, distante dos aglomerados urbanos que as expressões tradicionais da religião popular brasileira puderam se concretizar (MATA, 2002).

A Proclamação da República em 1889 foi fundamental para criar condições para tornar a sociedade mais plural e laica, a partir da separação entre o Estado Republicano e a Igreja Católica e o estabelecimento do princípio de liberdade religiosa. Entretanto, isso não significou a perda da hegemonia católica e de sua influência na vida política e cultural brasileira (NEGRÃO, 2008).

A Igreja Católica continuou a cooperar eventualmente com o Estado Republicano, como no combate às heresias messiânicas, e a impor seus princípios religiosos às constituições, como a proibição do divórcio e do aborto legal. A Igreja Católica aproveitou sua recente liberdade para reaproximar-se da ortodoxia vaticana. Os padres passam a ter uma formação seminarística mais cuidadosa, são nomeados bispos apenas os mais dedicados e ultramontanos, trazem-se ordens religiosas europeias para administrar os santuários e demais serviços religiosos, busca-se incutir um catolicismo menos mágico e devocional e mais cristocêntrico nas camadas populares (NEGRÃO, 2008, p.266).

Por mais que a República tenha possibilitado uma maior liberdade religiosa, o catolicismo ainda continuou por muito tempo a ser a religião predominante e a Igreja Católica buscou se adaptar mais à realidade das camadas populares ao levar seus preceitos a essa parcela da população. Alterações foram realizadas no próprio processo de formação dos padres e bispos e as determinações impostas pela Igreja ainda eram respeitadas pelo Estado.

A relação entre cultos católicos e africanos originou um movimento sincrético conhecido por ser um festejo popular afro-brasileiro, o congado, o resultado da combinação entre costumes africanos e os valores católicos. O congado é evidência de que a migração forçada de africanos para o Brasil na condição de escravos não atingiu completamente seus universos simbólicos, é uma manifestação da cultura, da religiosidade e uma resistência desse povo às imposições que lhes foram feitas no território brasileiro (MARQUES, 2007).

O congado é uma das manifestações culturais mais marcantes do Norte de Minas Gerais e é um festejo importante para o fortalecimento e construção da identidade sócio-racial dos seus participantes por trazer elementos que estão ligados à cultura africana, como chocalhos e os capacetes enfeitados com penas.



RELIGIOSIDADE E O SINCRETISMO RELIGIOSO NO SERTÃO NORTE-MINEIRO: A FORMAÇÃO DOS CONGADOS

Nos séculos XVIII e XIX desenvolveu-se no interior de Minas Gerais o Reinado do Congo, uma associação religiosa responsável por uma das mais importantes manifestações de religiosidade popular sincrética no Brasil, também presente no sertão norte-mineiro, os congados (GABARRA, 2007; MARQUES, 2007).

Conforme aponta Brito (2014), os Congados ou Congada é um festejo de devoção a santos católicos, uma mistura de aspectos da cultura africana com elementos da cultura portuguesa. De um lado há a coroação de reis negros e, de outro, o culto a santos católicos, promovendo a junção de religiões.

Em um contexto em que o Brasil estabelecia seu território geográfico, suas leis municipais, os direitos e deveres de sua população, o Reinado do Congo definia seu território abstrato, suas tradições africanas e, ao mesmo tempo que o povo brasileiro se definia e os definia como nações africanas, os congadeiros tinham sua participação social e política por meio das Irmandades do Rosário, como um reino formado por diversas nações (GABARRA, 2007).

Em Minas Gerais, as celebrações dos Congados no século XIX tinham seu início com a eleição anual de um rei, uma rainha e uma corte festiva nas Irmandades de Nossa Senhora do Rosário. Depois que era eleita e coroada pelo sacerdote na festa da Irmandade, essa corte desfilava em público, com danças e cantos apresentando enredos referentes à conversão do Reino do Congo ao cristianismo. Uma conhecida manifestação dos Congados em Minas Gerais é a festa popularmente chamada de Catopês que ocorre no mês de agosto no município de Montes Claros. Em tal localidade os Congados também são chamados de Ternos e em outras regiões do estado são conhecidos por Guardas ou Cortes. Deve-se ressaltar que boa parte dos registros sobre a origem dos Congados se mantém devido às descrições de folcloristas a fim de impedir que desaparecessem ou perdessem as características mais marcantes (BRITO, 2014).

Há diversos grupos de congado espalhados pelo território brasileiro e, em cada estado, essa manifestação da religiosidade popular sincrética apresenta particularidades próprias em seus festejos. Minas Gerais é o estado com maior número de congadeiros, o que evidencia a importância desses festejos para a cultura mineira e no norte do estado, no sertão norte



mineiro, ao considerar a presença dos mamelucos (filhos de índios com brancos), o congado sertanejo não expressa apenas a religiosidade negra, mas principalmente a mestiça (MARQUES, 2007).

O ritual congadeiro mais expressivo no Norte de Minas acontece no município de Montes Claros, nas Festas de Agosto que já fazem parte do calendário municipal. Essas festas reúnem os festejos de Nossa Senhora do Rosário, de São Benedito e do Divino Espírito Santo e a junção desses festejos é que configura o congado sertanejo com a participação de Catopês, Marujos, Caboclinhos, além do reinado com reis, rainhas, imperadores e imperatrizes que desfilam pelas ruas do município, principalmente na área central.

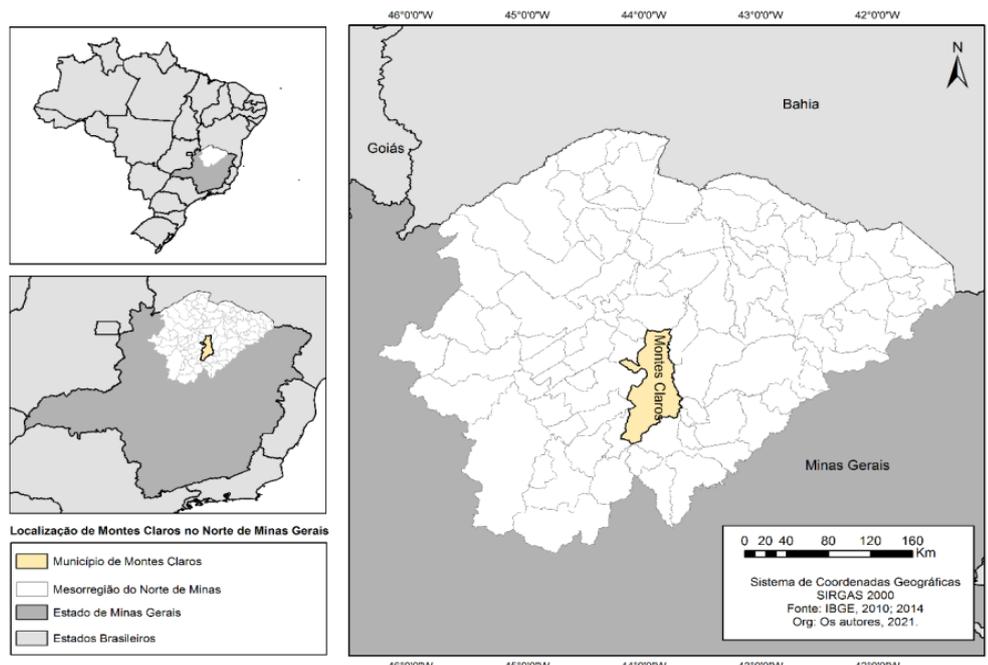
Os Marujos são devotos do Divino Espírito Santo, representam a junção da tradição luso-espanhola e encenam as lutas entre muçulmanos e cristãos, terminando com a vitória do Catolicismo. Os Catopês são grupos de devoção à Nossa Senhora do Rosário e de São Benedito e os Caboclinhos também são devotos do Divino Espírito Santo e simbolizam a figura do índio brasileiro, um grupo com forte presença de mulheres e crianças. Parte significativa dos Marujos, Caboclinhos e Catopês frequentam ou são adeptos de instituições ligadas ao universo religioso afro-brasileiro, os terreiros de Umbanda da cidade e, nesse contexto, debater acerca da formação e a presença desses espaços no município é uma forma de apreender sobre as raízes culturais de Montes Claros (MARQUES, 2007).

Compreender a inserção da Umbanda em Montes Claros e identificar em quais áreas os terreiros estão localizados permite analisar até mesmo a disputa de território entre essa religião e as religiões de base cristã, e discutir sobre a invisibilidade de seus locais de culto frente a monumentalidade dos templos evangélicos e igrejas católicas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O SURGIMENTO DA UMBANDA EM MONTES CLAROS

O município de Montes Claros está localizado na Mesorregião do Norte de Minas Gerais (**Mapa 1**), ocupa uma área de 3.589, 811 km² e atualmente apresenta uma população estimada em 413.487 habitantes (IBGE, 2021). O início do povoamento da localidade deu-se na primeira década do século XVIII a partir da Fazenda Montes Claros, propriedade do capitão Antônio Gonçalves Figueira, sertanista que guerreou contra os índios do sertão do São Francisco (IPAC, 1985).



Mapa 1: Localização do município de Montes Claros no Norte de Minas Gerais

Fonte: IBGE (2010, 2014)

Elaboração dos autores, 2021.

Em setembro de 1926 inaugurou-se em Montes Claros a Estrada de Ferro Central do Brasil facilitando o comércio e a comunicação, o que reforçou a posição do município como importante centro urbano e comercial e permitiu a ligação entre o norte e o sul do país, sendo esta a primeira via que unia, por terra, as cidades do Rio de Janeiro e São Paulo com o interior de Minas Gerais e Bahia. Nessa perspectiva, a ferrovia ocasionou mudanças significativas na estruturação do espaço do município e na sociedade montesclarenses como um todo (CANAN, 2014).

Por todo o sertão norte mineiro as cidades cresciam e Montes Claros se destacava dentre as demais. As religiões mediúnicas, como a Umbanda, estão associadas à modernização e à urbanização e nesse contexto, assim como todo o Brasil, o surgimento do campo religioso mediúnico era uma realidade indubitável em Montes Claros (MARQUES, 2007).

A formação da Umbanda em Montes Claros tem ligação direta com a vinda de pessoas de outros estados para o Norte de Minas Gerais, trazendo para a região uma diversidade cultural que possibilitou que os terreiros de umbanda apresentassem peculiaridades conforme o local de sua origem.



Os Terreiros de Umbanda existentes no município advêm de outros terreiros da região Sudeste e da Bahia. Entre as décadas de 1940 e 1950, José Fernandes Guimarães, Eliezer Gomes de Araújo (**Figura 1**), Iliziário e Alcina Nunes juntamente com o casal de médiuns Waldemar Costa e Laurinda Pereira Porto (**Figura 2**) concretizaram a Umbanda na região. Por meio de José Fernandes Guimarães a Umbanda norte-mineira recebeu influências de outras áreas do Sudeste, principalmente do Rio de Janeiro e através de Waldemar, Laurinda Porto, Eliezer Gomes de Araújo e Iliziário obteve influências da Bahia. José Fernandes iniciou suas atividades espirituais com a Umbanda de Mesa (sessões noturnas) aliada a uma medicina alternativa (período diurno) (MARQUES, 2007).

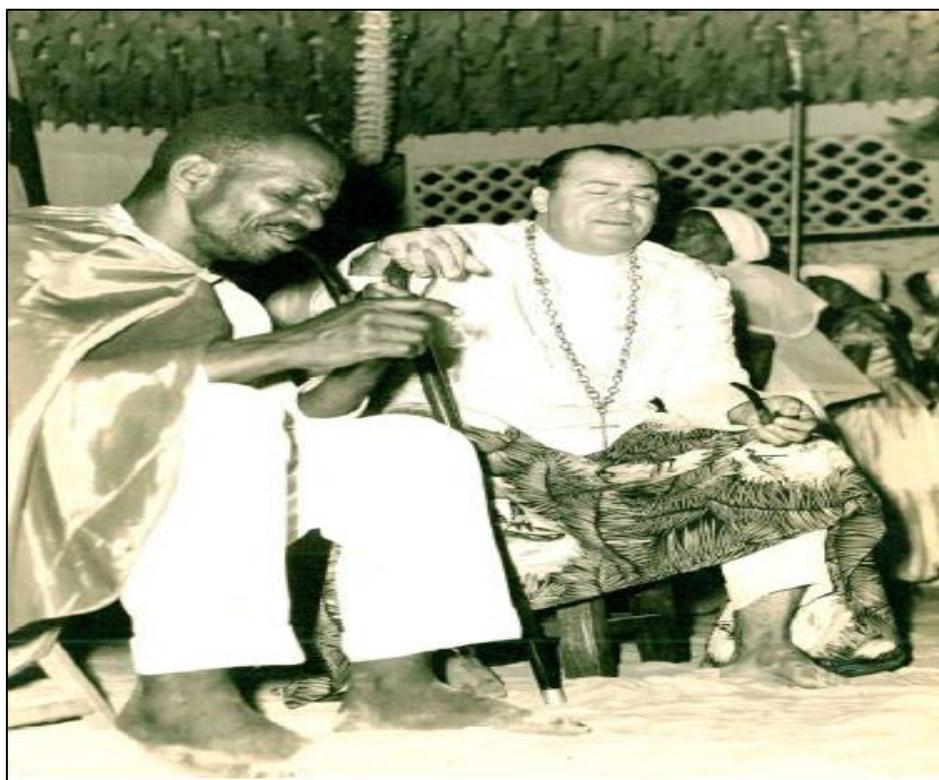


Figura 1: Representantes da Umbanda do Sudeste e da Umbanda do Nordeste, respectivamente: José Fernandes Guimarães (à direita) e Eliezer Gomes de Araújo (à esquerda)

Fonte: Carlos Wagner Guimarães (apud MARQUES, 2007, p.75).



Figura 2: Toque de Umbanda com atabaques em 1952. Agachado à direita está Waldemar Pereira Porto, de pé ao seu lado está a sua esposa Laurinda Pereira Porto e no centro, agachado e segurando um atabaque está o Iliziário.

Fonte: Jesuína Pereira Porto (apud MARQUES, 2007, p.101).

Conforme dados de Censos Demográficos realizados pelo IBGE, em 2000 havia em Montes Claros cerca de 163 umbandistas numa população de 306.947 habitantes. Em 2010, o número de umbandistas residentes no município diminuiu para 71 em meio a 361.915 habitantes. É provável que esse valor tenha aumentado e atualmente seja maior a quantidade de adeptos da umbanda no município, informação que poderá ser obtida após a realização do próximo Censo Demográfico.

O preconceito com as religiões de matriz africana ainda é marcante na sociedade e a disseminação de informações erradas e fantasiosas sobre essas religiões, principalmente por parte de integrantes de religiões cristãs, é um dos fatores que causa medo e aversão nas pessoas. Devido à intolerância religiosa, os locais de culto das religiões afro-brasileiras não são de fácil localização na paisagem, como as igrejas católicas e os templos evangélicos. A invisibilidade dessas religiões na paisagem é um mecanismo de proteção contra os ataques que sofrem, uma forma que encontraram para reduzir essa perseguição.



Acerca da subalternização da cultura africana no Brasil, essa culmina em epistemicídio e apagamento daquilo que a hegemonia não suporta ver vivo, humano e verdadeiro e, que na raiz da negação de conhecimentos, saberes e culturas não assimiladas pela cultura branca/ocidental encontra-se a colonialidade do poder. Por epistemicídio entende-se o aniquilamento de culturas e saberes de povos subjugados, como os negros e indígenas no Brasil, a negação de práticas e grupos sociais, “o processo de matar o conhecimento do outro” (NOGUEIRA, 2020; PESSANHA, 2019, p.167).

A formação social brasileira é marcada por uma estrutura racista cuja base está calcada no extermínio cultural, físico e simbólico dos povos africanos, indígenas e afrodescendentes. O epistemicídio se apresenta como uma das estratégias preponderantes para a sustentação desse processo e, associado à ideologia de branqueamento, que marca a história do Brasil, é responsável por invisibilizar, ocultar e desconsiderar na educação brasileira as contribuições dos conhecimentos destes povos (CARVALHO, 2020).

O mapeamento dos terreiros de matriz africana é uma forma de conhecer a realidade desses grupos no município e até mesmo de valorizá-los enquanto constituintes da cultura local, além de permitir avaliar a presença geográfica e o lugar social que esses centros religiosos ocupam nas cidades.

MAPEAMENTO DE TERREIROS DE UMBANDA EM MONTES CLAROS E A INVISIBILIDADE COMO RESPOSTA À INTOLERÂNCIA RELIGIOSA

O mapeamento de terreiros de Umbanda não é uma tarefa fácil justamente pela invisibilidade desses locais na paisagem. Para leigos, a ausência de placas que identifiquem os terreiros dificulta encontrá-los e mapeá-los no município, ao contrário das igrejas cristãs, que ocupam pontos de destaque na geografia urbana.

Em 2007 a Associação Espiritualista Umbandista Folclórica dos Cultos Afro-Brasileiros do Norte de Minas Gerais apontava que havia cerca de cem terreiros de Umbanda espalhados pela região, evidenciando que, apesar da intolerância religiosa, a Umbanda tem expressividade no quadro religioso do Norte de Minas Gerais (MARQUES, 2007).

O terreiro é um espaço social simbólico no qual os fiéis se reúnem para viver uma realidade diferente da que o cotidiano lhes apresenta, um espaço onde ocorre a transmissão e aquisição dos conhecimentos da tradição religiosa afro-brasileira. Em sua maioria, os centros não são edifícios construídos especificamente para o fim religioso, é a adaptação ou o



aproveitamento de um espaço no quintal ou na casa do pai ou mãe-de-santo como um “puxadinho” nos fundos ou a ampliação de uma garagem (BARROS, 2008).

O fato de os terreiros situarem-se em residências é outro ponto que dificulta a sua identificação e que lhes confere maior segurança com relação ao assédio de outras religiões de cunho fundamentalista e discriminatório.

Entendendo que os espaços urbanos das cidades brasileiras são constituídos por diversas territorialidades caracterizadas a partir da história e trajetória socioespacial dos grupos sociais que as formam, nesses espaços são identificadas também diferentes paisagens repletas de símbolos e significados oriundos das várias culturas que ali se desenvolvem. Dentre os sujeitos responsáveis pelas transformações do espaço e, portanto, formadores de paisagens segundo seus interesses, encontram-se os diversos grupos religiosos presentes no urbano. Nesse contexto, as religiões de base cristã enquanto dominantes possuem grande visibilidade no urbano, o que se percebe por meio das suas igrejas e templos, enquanto as religiões de matriz africana estão ocultas ou discretamente caracterizadas nas paisagens urbanas (BONIFÁCIO, 2017).

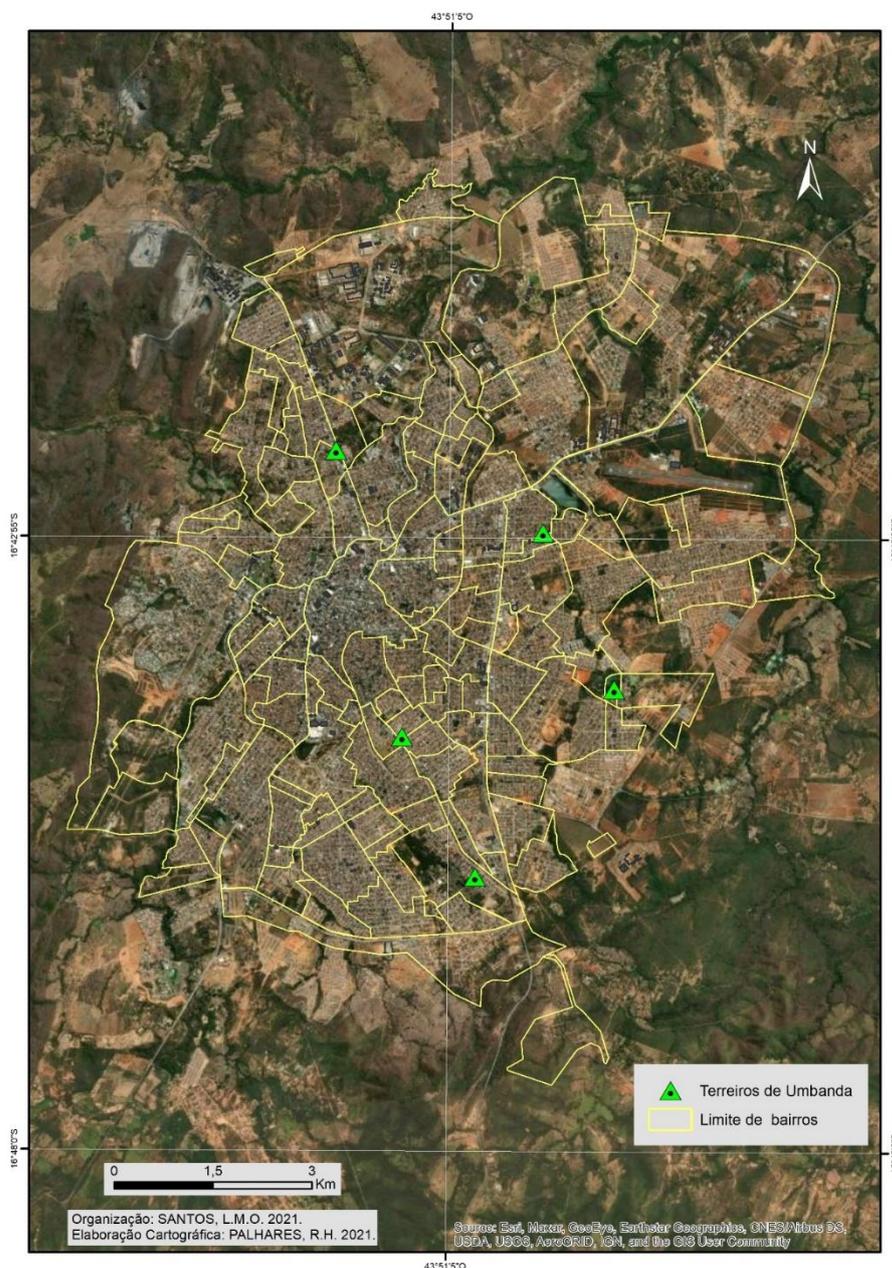
Na atualidade, a presença das religiões hegemônicas na mídia (televisão e rádio) intensifica a “demonização” de outras crenças, incitando comportamentos preconceituosos, criando e propagando estereótipos característicos de racismo religioso, principalmente com relação às religiões afro-brasileiras. A tolerância dada aos afrodescendentes e a sua religião na história de formação do território brasileiro é identificada apenas quando esses assumem valores cristãos e sua crença é transmutada em outra cultura, por meio da catequese, e transvalorizada em outro universo simbólico (BEZERRA, 2016; GÓIS, 2011).

O local em que se encontra o terreiro deve ser analisado, uma vez que, se o espaço físico desse for insuficiente para que possam ser realizados todos os rituais ou até mesmo para evitar problemas com a vizinhança, o rito é realizado fora do local de culto, em encruzilhadas do perímetro urbano do qual o terreiro faz parte, em áreas com pouca movimentação e que sejam mais seguras para este fim. Deve-se conhecer previamente a área da cidade na qual o grupo religioso está circunscrito para identificar os locais mais propícios para a realização das cerimônias a fim de evitar conflitos. Nesse sentido, as cidades passam a ser parte integrante do universo umbandista e ao demarcar seu território com seus rituais e práticas religiosas, o grupo religioso se identifica com a cidade, cria uma identidade vivida/espacial (BARROS, 2008).

Em Montes Claros há diversos centros de umbanda espalhados pelo município, no entanto, devido ao receio que os integrantes têm de serem rechaçados, para efetuar o



mapeamento conseguiu-se a localização de apenas cinco desses terreiros (**Mapa 2**), cada um em um bairro: Santo Inácio, Santos Reís, Esplanada, Camilo Prates e Sumaré.



Mapa 2: Localização de Terreiros de Umbanda em Montes Claros-MG

Fonte: PMMC, 2016.

Elaboração dos autores, 2021.

A partir dos dados expostos entende-se que a distribuição dos terreiros de Umbanda em Montes Claros indica o lugar social ocupado por essa matriz na cidade. Nessa perspectiva, ao identificar que os bairros com presença de terreiros de Umbanda estão localizados, em sua maioria, afastados do centro da cidade é possível inferir que os símbolos sagrados, os praticantes e a própria religião têm um lugar definido na sociedade e não figuram juntamente



regiões com pequena concentração de renda (renda per capita variando entre R\$245,46 a R\$433, 57). Das regiões de planejamento consideradas, apenas a Santa Rita, na qual se localiza o bairro Sumaré, apresenta uma renda per capita um pouco maior, entre R\$433, 58 a R\$705, 34 (LEITE, 2020).

É possível inferir que o afastamento territorial dos terreiros em Montes Claros poderia ser influenciado por alguns fatores, principalmente de ordem estratégico-geográficas e sociais. Assim, esse distanciamento do centro da cidade pode ser apreendido como uma forma de se proteger do ataque de outras religiões, de manifestações preconceituosas, além de possibilitar que os cultos sejam realizados com maior privacidade. É importante ressaltar que outros fatores podem estar relacionados a esse distanciamento dos terreiros de Umbanda do centro da cidade, como a influência do guia espiritual e o fato de o espaço religioso ser organizado na própria residência do pai ou mãe-de-santo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como decorrência do processo de formação do território brasileiro, a diversidade religiosa é um dos elementos mais marcantes do Brasil, o que é acompanhado pela intolerância religiosa existente desde o período da colonização. As religiões de matriz africana são as que mais sofrem com o preconceito das religiões de base cristã que as segregam e marginalizam, forçando-as a se ocultarem no espaço urbano, tornando-se invisíveis na paisagem das cidades.

Ao analisar a formação da Umbanda em Montes Claros, foi possível perceber que o surgimento desse campo religioso na cidade esteve ligado ao processo de urbanização em que pessoas de outros estados do Brasil vieram morar aqui e desenvolveram tal religião nessa área.

Mapear os terreiros de Umbanda em Montes Claros foi uma tarefa difícil, pois além das restrições impostas pela pandemia de Covid-19, os adeptos da religião não se sentem confortáveis em passar informações referentes à localização dos espaços de culto e isso ocorre, principalmente, em razão do receio que têm de serem atacados, por sofrerem constantemente com o preconceito e o racismo religioso de pessoas de outras religiões. Nesse contexto, foi possível demarcar no espaço urbano de Montes Claros cinco terreiros de Umbanda, inseridos em bairros com baixa concentração de renda e mais afastados do centro da cidade. Essa inserção dos terreiros de Umbanda em locais mais distantes do centro pode



ser entendida como uma forma de se protegerem da ação de pessoas preconceituosas e que demonizam as religiões de matriz africana, assim acabam se tornando invisíveis na paisagem urbana, sem elementos, símbolos que indiquem que ali é um local de culto.

Na busca pela superação dessa problemática, a mídia, os meios políticos, sociais e as universidades devem se voltar mais para as religiões de matriz africana, desenvolver trabalhos que tenham por objetivo levar conhecimento para a população acerca dessas religiões no intuito de desmistificar a imagem negativa construída em torno delas e de seus seguidores. Da mesma forma que as religiões hegemônicas têm a liberdade para se manifestarem e utilizarem seus símbolos, as religiões de matriz africana também devem ser respeitadas e ter o seu espaço na sociedade.

AGRADECIMENTOS

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES; Laboratório de Estudos Urbanos e Rurais – LAEUR Unimontes; Programa de Pós-Graduação em Geografia – PPGeo.

REFERÊNCIAS

- BARROS, S. C. Geografia e territorialidades na umbanda: usos e apropriações dos espaços urbanos. **Revista RAEGA**, Curitiba: Editora UFPR, nº16, p. 55-64, 2008.
- BEZERRA, E. K. Da invisibilidade à visibilidade negativa das religiões de matriz africana na televisão brasileira. **Interfaces Científicas- Humanas e Sociais**, Aracaju, v. 5, n. 2, p. 67-80, 2016.
- BONIFÁCIO, W. V. G. A invisibilidade das religiões afro-brasileiras nas paisagens urbanas. **Revista Produção Acadêmica**, UFT: Palmas, v. 3, n. 01, 2017.
- BRITO, A. E. C. **Catopês: história de lutas e formação de identidades em Montes Claros-MG**. 2014. Tese (Doutorado em Política Social) - Universidade Federal Fluminense.
- CANAN, L. F. **Leitura da Paisagem Urbana da Cidade de Montes Claros: Análise das Transformações do "Coração do Núcleo Urbano"**. 2014. Dissertação (Mestrado em Geografia-Tratamento da Informação Espacial) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.
- CARVALHO, V. F. Reflexões sobre a falsa universalidade da teologia judaico-cristã: epistemicídio e a construção do “outro”. In: ALVES, M. C. (Org.). **A Matriz Africana: epistemologias e metodologias negras, descoloniais e antirracistas**. Porto Alegre: Rede Unida, 2020.
- GABARRA, L. O. **Congado: Religião e Poder Minas Gerais, século XIX**. Artigo completo. Anais Simpósio Nacional de História. Santa Catarina, 2007.



GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2008.

GÓIS, A. J. **O candomblé e a umbanda na cidade de Contagem, Minas Gerais**: espaço e território, 2011. Tese (Doutorado)- Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Programa de Pós- Graduação em Geografia, Tratamento da Informação Espacial, Belo Horizonte.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Cidades**. Perfil do Município de Montes Claros, 2021. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/mg/montes-claros.html>>. Acesso em: 01 jun. 2021.

IPAC/MOC/MG- **Inventário de Proteção do Acervo Cultural de Minas Gerais**. Montes Claros- Minas Gerais, 1985.

LEITE, M. E. **Atlas ambiental de Montes Claros - MG**. Montes Claros: Editora Unimontes, 2020.

MARQUES, A. C. B. **Umbanda Sertaneja**: cultura e religiosidade no sertão norte-mineiro. 2007. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2007.

NEGRÃO, L. N. Pluralismo e multiplicidades religiosas no Brasil contemporâneo. **Revista Sociedade e Estado**, UnB: Brasília, v. 23, n. 2, p. 261-279, 2008.

NIERO, L. A. Religiosidade Mineira: devoção aos santos na comarca do Rio das Mortes no século XVIII. **Sacrilegens - Revista dos Alunos do Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião**, UFJF: Juiz de Fora, v.11, n. 1, p. 124-138, 2014.

NOGUEIRA, S. **Intolerância Religiosa**. São Paulo: Pólen, 2020.

PESSANHA, E. A. M. Do epistemicídio: as estratégias de matar o conhecimento negro africano e afro diaspórico. **PROBLEMATA: Revista Internacional de Filosofia**, v. 10, n. 2, p. 167-194, 2019.

POMBO, I. N. **Territórios do sagrado**: espacialidade e invisibilidade dos terreiros de umbanda no município de João Pessoa – PB. Monografia (Graduação) – Universidade Federal da Paraíba, 2015.

POPULAÇÃO residente por cor ou raça e religião 2000/2010. In: IBGE. **Sidra**: Sistema IBGE de recuperação automática, 2010. Disponível em: <<https://sidra.ibge.gov.br/tabela/2094>>. Acesso em: 10 jun. 2021.

SANTOS, A. P. Introdução à geografia das religiões. **Revista GEOUSP-Espaço e Tempo**, USP: São Paulo, n. 11, 2002.

SOUZA, A. A. **Cultura e religião**: tramas e narrativas do barroco mineiro. 2019. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Maringá.